



RETÓRICA E MANIPULAÇÃO NO DISCURSO NEOPENTECOSTAL DA IGREJA SANTA DE JESUS CRISTO

Max Silva da Rocha
Universidade Federal do Piauí (UFPI/BRASIL)
E-mail: msrletras@ufpi.edu.br

Francisco Herbert da Silva
Universidade Federal do Piauí (UFPI/BRASIL)
E-mail: franherberthysilva@gmail.com

João Benvindo de Moura
Universidade Federal do Piauí (UFPI/BRASIL)
E-mail: jbenvindo@ufpi.edu.br

Resumo: Este trabalho, fundamentado nos estudos retóricos e argumentativos da linguagem, tem como principal objetivo realizar uma análise retórica em três fragmentos de um documentário da Igreja Santa de Jesus Cristo. Para tanto, nos servimos dos postulados teóricos da retórica, da argumentação, além de contribuições da teoria semiolinguística de análise do discurso. Os resultados apontam que o líder máximo da referida instituição religiosa enaltece sua imagem como um homem usado por Deus, possuidor de um chamado pastoral. Além disso, recorre a argumentos racionais que buscam comprovar suas asserções, sobretudo, por meio dos argumentos de autoridade e pragmático. Visualizamos, também, a tentativa do despertar de paixões, como forma de comover e mover os ânimos do auditório. No campo da manipulação, constatamos um discurso instaurado em figuras de negação, a exemplo da mentira, da má-fé, da denegação e da impostura. Esses aspectos encontrados corroboram o discurso manifestado na citada igreja, pautado, sobretudo, no engodo, numa falácia que convence e persuade aqueles que, de algum modo, estão disponíveis para serem interpelados por meio da argumentação.

Palavras-chave: Argumentação. Discurso religioso. Pastor evangélico.

Abstract: This work, based on rhetorical and argumentative studies of language, has as its main objective to carry out a rhetorical analysis of three fragments of a documentary about the Holy Church of Jesus Christ. To do so, we use the theoretical postulates of rhetoric and argumentation, as well as contributions from the semiolinguistic theory of discourse analysis. The results indicate that the top leader of the aforementioned religious institution enhances his image as a man used by God, possessing a pastoral calling. Furthermore, it uses rational arguments that seek to prove its assertions, above all, through authoritative and pragmatic arguments. We also visualize the attempt to awaken passions, as a way of moving and moving the mood of the audience. In the field of manipulation, we see a discourse based on figures of denial, such as lies, bad faith, denial and imposture. These aspects found corroborate the discourse expressed in the aforementioned church, based, above all, on deception, a fallacy that convinces and persuades those who, in some way, are available to be challenged through argumentation.

Keywords: *Argumentation. Religious discourse. Evangelical pastor.*

INTRODUÇÃO

A Igreja Santa de Jesus Cristo (doravante, ISJC) possui mais de 50 templos religiosos espalhados pelo estado de Alagoas/Brasil. É uma denominação religiosa cristã que possui mais de 35 anos de existência. Tem sua sede na cidade de Arapiraca, que é o segundo maior município do referido estado. O seu fundador, líder e atual administrador é Marcelo Oliveira, um ex-pastor dissidente da Igreja Universal do Reino de Deus. A cada ano, a ISJC vem crescendo de forma robusta, tanto em número de membros e templos quanto em influência social e política. Seu principal líder é, assumidamente, signatário da extrema direita brasileira e, em sua igreja, promove as ideologias dessa corrente política. Na ISJC, a religião e a política partidária se misturam de tal maneira que é difícil fazer uma separação capaz de demarcar fronteiras.

Com base nessas informações, surgiram alguns questionamentos que norteiam este trabalho. A) Como a tríade retórica está disposta em um sermão do pastor Marcelo Oliveira? B) De que modo estão apresentadas as figuras de negação no discurso desse chefe religioso? C) A argumentação desse líder evangélico segue uma perspectiva racional ou emotiva? D) Quais sentidos podem ser depreendidos da pregação desse pastor? A busca por responder a essas perguntas é o fio condutor para a realização desta pesquisa. Certamente, entenderemos, mesmo que em apenas três fragmentos, como atua discursivamente esse pastor. Os resultados encontrados nesta investigação poderão abrir possibilidades para outras pesquisas.

Neste trabalho, temos como principal objetivo realizar uma análise retórica em três fragmentos de um documentário da Igreja Santa de Jesus Cristo. Nesse sentido, categorias como tríade retórica e

discurso manipulatório são o enfoque desta pesquisa. De forma mais específica, almejamos identificar a disposição da tríade retórica em três fragmentos do documentário selecionado; descrever a utilização da manipulação e as figuras de negação presentes discursivamente; e explicar os possíveis interpretativos manifestados de maneira explícita ou implícita. Todo esse percurso mostrará como o discurso é constituído por elementos de natureza persuasiva que podem conduzir as crenças e as ações do auditório visado.

A presente pesquisa se torna relevante porque ainda não existe, ou pelo menos não encontramos, nenhum trabalho, em qualquer gênero acadêmico, que investigou as querelas retóricas e argumentativas presentes em discursos da ISJC. Assim, existe uma lacuna de pesquisa e, com este estudo, preencheremos parte dela. Existem trabalhos que investigaram chefes religiosos e suas estratégias argumentativas, a exemplo do artigo de Rocha, Moura, Melo e Morais (2023), que estudaram a argumentação em orações do Missionário Romildo Ribeiro Soares (R.R. Soares), fundador, líder e administrador da Igreja Internacional da Graça de Deus; e do Apóstolo Valdemiro Santiago de Oliveira, fundador, líder e administrador da Igreja Mundial do Poder de Deus. Os autores identificaram uma série de estratégias argumentativas utilizadas por esses pastores para convencer, persuadir e manter a persuasão já conquistada.

Entretanto, esse trabalho mencionado não trilhou o caminho do discurso manipulatório como fazemos aqui. A manipulação da verdade necessita ser percebida com um olhar mais profundo, pois é algo disfarçado, sorrateiro. Abdicar de investigar como o discurso manipula pode bloquear uma análise que investigue os recônditos das estratégias argumentativas que esses líderes religiosos utilizam comumente em suas pregações. Justificamos a importância do nosso trabalho por dar ênfase à manipulação e suas categorias. Mesmo em templos religiosos, a figura da mentira é utilizada para enganar um auditório que se acha disponível e, em muitos casos, parece mesmo que se deixa manipular, pois inculca as ideias que o pastor promulga.

O discurso religioso praticado na ISJC é de vertente neopentecostal, assim como nas principais denominações religiosas midiáticas do Brasil contemporâneo, a exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus. Dessa maneira, o neopentecostalismo é um ramo do protestantismo, mas com suas próprias singularidades e independente daquele. “O discurso religioso neopentecostal apresenta novos elementos discursivos com suas ênfases na Teologia da Prosperidade, assim como nas curas e milagres, acrescentando-se ainda a dimensão político-partidária” (Peña-Alfaro, 2005, p. 60). A prosperidade, a cura, o milagre, o exorcismo, tudo isso constitui esse movimento que surgiu nos Estados Unidos e encontrou no Brasil um terreno fértil para o seu amplo desenvolvimento e crescimento avassalador em nossa sociedade.

Ademais, para a consecução deste trabalho, dividimo-lo em algumas partes. Na primeira, mostramos uma fundamentação teórica sobre os estudos retóricos e argumentativos da linguagem, apresentando definições de categorias basilares, a exemplo da tríade retórica. Na segunda, percorremos as nuances do discurso manipulatório, bem como suas figuras de negação, conceituando cada uma delas. Na terceira, destacamos os aspectos metodológicos que utilizamos nesta pesquisa. Na quarta, realizamos as nossas análises dos trechos selecionados, observando as categorias elencadas para este estudo. Por fim, apresentamos as considerações finais, abordando os resultados alcançados; as referências utilizadas aparecem ao final. Esperamos que todos esses passos seguidos possam, de alguma maneira, contribuir com a pesquisa em retórica e argumentação, tomando o discurso religioso como objeto de análise.

QUESTÕES RETÓRICAS E ARGUMENTATIVAS

Inicialmente, partimos de uma ideia primária de que todos nós somos seres retóricos por natureza. Essa assertiva de Ferreira (2015) nos mostra que, de um modo ou de outro, temos opiniões, crenças, valores, visões de mundo que são lançadas a um determinado auditório como se fossem “verdades” irrefutáveis. Assim sendo, podemos compreender que todo discurso tem, em sua constituição, uma dimensão argumentativa que busca alguma finalidade específica, como, por exemplo, orientar pensamentos, modificar crenças e opiniões, fazendo com que o auditório acredite no que é anunciado pelo orador. Essa ideia de dimensão argumentativa é concebida por Amossy (2020) e tem como objetivo fulcral demarcar as diferenças entre dimensão e visada argumentativas presentes em discursos diversos. Um pouco mais à frente, veremos como esses dois conceitos são caracterizados no escopo da argumentação.

Entendemos, neste trabalho, que a retórica e a argumentação são campos distintos das atividades linguageiras realizadas por diferentes oradores. Sobre a primeira, o nosso mestre Aristóteles a define do seguinte modo: “Pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função” (Aristóteles, 2011, p. 44). Em seguida, endossa ainda mais a sua conceituação: “Quanto à retórica, todavia, vemo-la como o poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir” (Aristóteles, 2011, p. 44). A partir dessas definições, compreendemos que a retórica é mesmo uma técnica que busca contribuir para o desvelar de elementos persuasivos nos discursos e nos textos. “Em primeiro lugar, **a Retórica é uma técnica** no sentido de

um conjunto de preceitos que se podem pôr em prática com o fim de convencer o auditório” (Mateus, 2018, p. 36, grifos do autor).

Sobre a segunda, a argumentação, podemos entendê-la como um outro campo do saber, no sentido de contemplar diferentes perspectivas, a exemplo da argumentação na língua, argumentação com base na lógica informal, argumentação no texto e argumentação no discurso, entre outras correntes. Estamos filiados, neste trabalho, a uma perspectiva de argumentação voltada aos estudos discursivos da linguagem, mas sem esquecer do arcabouço retórico de base aristotélica e perelmaniana. Seguimos o entendimento de Amossy (2020), quando essa analista do discurso postula que a argumentação é entendida como “os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece [...]” (Amossy, 2020, p. 47). Essa conceituação implica posições importantes no cenário dos estudos retóricos e argumentativos da linguagem, visto que não preconiza somente a persuasão como resultado.

É aqui que temos a distinção entre dimensão argumentativa e visada argumentativa. A primeira acontece quando surge “uma simples transmissão de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende expressamente modificar as posições do alocutário” (Amossy, 2020, p. 44). Alguns gêneros discursivos que contemplam essa perspectiva são artigos científicos, romances, contos, descrição jornalística, entre outros. A segunda ocorre quando existe “uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo” (Amossy, 2020, p. 44). Alguns gêneros discursivos estão nesse âmbito, a exemplo do sermão na igreja, pronunciamento político, defesa e acusação em tribunal de júri, entre outros. Essas duas categorias estão imbricadas, uma vez que todo discurso apresenta uma dimensão argumentativa, mas nem todo discurso apresenta uma visada argumentativa.

Com essa definição mais atual que vimos anteriormente, fundamentada em um avanço da nova retórica perelmaniana, percebemos que a argumentação pensada nesses moldes não visa somente a persuasão custe o que custar. Ao contrário, às vezes, é possível perseguir apenas uma orientação ou modificação de opiniões, de ideias. Entendemos que a persuasão só é obtida quando fazemos com que o nosso auditório pense como nós, mas também que aja de acordo com o que desejamos. Se o auditório apenas pensar como nós, estaremos no campo do convencimento e não da persuasão, afinal de contas, aprendemos com nossos pioneiros da nova retórica que convencer é diferente de persuadir e isso incide de forma imprescindível no processo argumentativo em que estivermos engajados. “Para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira

fase que leva à ação. [...] Em contrapartida, para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 30).

Algumas categorias são imprescindíveis para o entendimento de práticas argumentativas que almejam mover o pensamento e as ações de um auditório. Em nosso estudo, trabalhamos com as provas retóricas formuladas pela construção da imagem de si (*ethos*); com o encadeamento de argumentos racionais (*logos*); e com o despertar de paixões que podem gerar sensações de dor ou prazer no auditório (*pathos*). Além disso, outras categorias são evocadas neste estudo, a exemplo da manipulação da verdade e as figuras da negação, como mentira, denegação, má-fé e impostura. Lançamos mão desses dispositivos argumentativos com o objetivo de analisar o discurso proferido pelo pastor Marcelo Oliveira. Para um entendimento mais consistente, explicaremos cada categoria analítica pautada neste trabalho.

A CONSTITUIÇÃO DAS TRÊS PROVAS RETÓRICAS

Acerca do tripé retórico, é importante, mais uma vez, evocar o mestre Aristóteles, que é o pioneiro na constituição desse dispositivo. “Há três tipos de meios de persuasão supridos pela palavra falada. O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espíritos; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar” (Aristóteles, 2011, p. 45). Esses três elementos estão inter-relacionados, mas podem ser separados com fins metodológicos de uma pesquisa que busque, por exemplo, focalizar o estudo do *ethos*. Entretanto, essas provas retóricas constituem a base de um discurso argumentativo. Existe um orador, um discurso e um auditório. Essa formulação se mantém até os dias de hoje, embora tenha sofrido modificações e atualizações, tendo em vista que não estamos mais na Grécia Antiga, por volta de 400 anos antes de Cristo.

Mesmo assim, trataremos o *ethos* como a construção da imagem de si, quando o orador, por meio do seu discurso, se revela ou se esconde. Também conceberemos o *pathos* como um conjunto de paixões que podem despertar no auditório sensações que provoquem dor ou prazer. Não falaremos em efeitos dados, mas em efeitos possíveis. Quanto ao *logos*, compreenderemos todos os argumentos que o orador lança mão para tentar influenciar seu auditório. Não entraremos no embate sobre as novas concepções de *ethos*, *logos* e *pathos*, ao contrário, faremos um cotejamento entre os autores, entendendo que as discussões retóricas são a base do que temos hoje e que ainda está em pleno vigor. Atualmente, temos assistido às novas formulações de estudos retóricos em ambientes digitais, a partir

de ideias como tecnotexto e tecnodiscurso, revelando que já existem novas perspectivas teórico-analíticas para esse ambiente.

O professor Samuel Mateus, por exemplo, desenvolveu um verdadeiro tratado sobre a retórica no século XXI, pontuando uma retórica midiática. Esse autor português afirma que a retórica, mesmo midiaticizada, permanece viva e vigorosa na contemporaneidade, já que uma retórica digital “significa, assim, novas oportunidades de não apenas interrogar a aplicabilidade da teoria retórica, como também, inesperadas ocasiões de confirmar os amplíssimos efeitos da Retórica na era dos ambientes e tecnologias digitais” (Mateus, 2018, p. 232). O assunto é muito importante, mas neste artigo não iremos nos aprofundar porque não é o nosso objetivo. De todo modo, não é honesto afirmar que a retórica está em desuso, foi sobrepujada ou algo dessa natureza. A obra de Mateus (2018) traz à tona uma importante contribuição para o avanço dos estudos retóricos de base estritamente aristotélica, passando pelo sistema retórico, os gêneros do discurso retórico, as provas retóricas e toda a arquitetura de uma área do conhecimento que possui mais de dois séculos e meio e que permanece mais viva do que nunca.

No Brasil, por exemplo, temos grupos de pesquisa renomados que mantêm atualizados os estudos retóricos de cunho aristotélico. Destacamos alguns deles, como o Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos (ERA), sediado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, coordenado pelo professor doutor Luiz Antonio Ferreira. Também o Grupo de Pesquisa em Argumentação e Retórica (PARE), com sede na Universidade de Franca, coordenado pela professora doutora Maria Flávia Figueiredo. Entendemos que esses dois grupos têm, de maneira distinta, preservado e ampliado os estudos em teoria retórica, a partir de um grande volume de publicações anuais através de temáticas extremamente importantes à retórica.

AS CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO MANIPULATÓRIO

No tocante à manipulação da verdade, ou discurso manipulatório, recorreremos aos estudos recentes do linguista francês Patrick Charaudeau. Em Charaudeau (2020), na obra “A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas” e em Charaudeau (2022), na obra “A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade”, encontramos dois tratados sobremaneira imprescindíveis para o entendimento de práticas languageiras que buscam enganar o auditório acerca de diferentes questões. Esse mesmo autor afirma que a “manipulação é acompanhada, pois, de uma *falsidade*, pelo fato de que há uma relação entre um influenciador-manipulador que esconde sua intenção e um influenciado-manipulado que a ignora” (Charaudeau, 2020, p. 69, grifo do

autor). Constatamos que o orador não mostra sua verdadeira intenção. Na verdade, ele apresenta um discurso disfarçado.

O referido linguista francês, que é pai da teoria semiolinguística de análise do discurso, preleciona que o **carisma** é um aspecto crucial para o discurso manipulatório. Ligado ao *ethos* do orador, o carisma funciona no campo da credibilidade e da captação do auditório. Carisma é uma palavra que vem do grego cristão (kharis > kharisma), que significa dom, favor, graça de origem divina. Paulo, escritor bíblico, foi o responsável por introduzir essa palavra nas Escrituras Sagradas. Posteriormente, Charaudeau (2020) enfatiza que essa mesma expressão foi utilizada na Sociologia Política, significando autoridade, fascinação irresistível exercida por um homem sobre um grupo humano. Assim sendo, temos dois caminhos: um com a ideia de inspiração proveniente de uma fonte invisível; e outro com a ideia de atração. Nosso linguista francês acrescenta, ainda, uma terceira opção: a presença de uma pessoa, de um corpo.

Nesse sentido, o carisma é constituído pela fonte, pelo corpo e pela atração. **A fonte** representa algo que está para um lugar invisível, de ordem divina, que não é palpável. “É verdade que o carisma se liga a personalidades excepcionais que, de algum modo iniciadas, tomam muitas vezes a figura de ‘profetas’, apresentando-se como salvadores, vindos de algum lugar para trazer a salvação à Terra. Por isso, pode-se dizer que há algo de sagrado que impregna o carisma” (Charaudeau, 2020, p. 76). Não poucas vezes, o líder máximo da ISJC se apresenta como um profeta de Deus, capaz de guiar os fiéis dessa instituição religiosa para o tão prometido Reino dos Céus. Certamente, as pessoas que já foram convencidas e persuadidas são impactadas com um discurso de manutenção da adesão conquistada outrora e outras ainda não participantes ativamente são interpeladas para que aceitem a proposta lançada pelo orador sacro.

O **corpo** representa a necessidade de fazer uma mediação entre a força sobrenatural, invisível e não palpável com os seres humanos. Charaudeau (2020) ressalta que não é qualquer pessoa que detém o carisma. É preciso ter condições de personalidade, uma vez que o “líder carismático deve ser digno de representar essas forças do além para anunciar a mensagem que ele quer propagar sobre a Terra. Seu próprio corpo deve se mostrar portador dessas forças benéficas ou maléficas que o inspiram fora de toda contingência humana” (Charaudeau, 2020, p. 77). Quando pensamos no pastor Marcelo Oliveira, fundador, líder e atual administrador da ISJC, identificamos um homem branco, alto, forte, sério, de postura rígida, aventureiro, se apresenta com armas, pois é atirador esportivo, seguidor de uma política de extrema direita no Brasil. Esses aspectos podem corroborar a ideia de que se trata de um homem ativo, que possui um chamado divino como sacerdote para guiar o seu povo a um modelo específico de comportamento social, pautado, sobretudo, num modelo de extremismo religioso.

A **atração** representa um sentido de alteridade entre os participantes, mas com requisitos assimétricos. Como o carisma é uma questão de troca e de interação, “é preciso que a pessoa carismática se apresente como um *espelho-mediador* desse além, de maneira que o público seja atraído por um movimento de identificação, mas, ao mesmo tempo, saiba que por trás do espelho há um ideal (uma pureza, um absoluto, um mal) inatingível” (Charaudeau, 2020, p. 78, grifos do autor). Conforme pontua esse mesmo teórico, é preciso que o auditório esteja numa situação de expectativa ou necessidade, que, sofredor, vítima, decaído ou infeliz, tenha como meta principal um objeto de desejo ou de busca, que não sabe o que é, na esperança de que apareça um homem providencial, capaz de resolver os problemas do seu povo. Na ISJC, seria esse homem o pastor Marcelo Oliveira, que se diz um escolhido de Deus? Veremos depois.

Para Charaudeau (2020), o carismático, dessa maneira, atua de modo a atrair as pessoas que estão precisando de algum tipo de ajuda. Ele é o suporte de identificação capaz de fazer chegar a um ideal e deve ser sentido como tal por aqueles que sofrem ou são alienados por alguém. No universo religioso, por exemplo, temos que o carisma repousa “num dom sagrado e constitui um messianismo, com seus porta-vozes que são os profetas – a menos que a potência divina, se fazendo homem, venha em pessoa salvar os homens. Os textos sagrados trazem narrativas épicas e hagiográficas que permitem ao imaginário humano seguir esses ‘mensageiros’” (Charaudeau, 2020, p. 78-79) que se dizem representantes de Deus na terra.

O pastor Marcelo Oliveira, em sua instituição religiosa, se apresenta como um mensageiro da parte de Deus. Ele afirma que é capaz de curar as enfermidades, vencer o mal e libertar as pessoas que sofrem por causa de espíritos malignos. Seus fiéis acreditam nesse discurso e, cada vez mais, a ISJC aumenta seu número de templos, de seguidores e, principalmente, de doadores. Muitas vezes, são pessoas extremamente pobres, doentes, desvalidas, sem nenhum tipo de escolarização, sem instrução alguma, que são arrebatadas via discurso manipulatório de um orador que sabe perscrutar os recônditos da alma, conquistando, dessa maneira, mente e coração daqueles que buscam alguma melhoria de vida.

AS FIGURAS DE NEGAÇÃO DO DISCURSO MANIPULATÓRIO

De acordo com Charaudeau (2022), existem pelo menos quatro figuras que expressam os meios pelos quais ocorre o fenômeno da manipulação. Esse teórico francês elenca a mentira, a denegação, a má-fé e a impostura. Para esse autor, “o discurso comum frequentemente tende a confundir algumas dessas figuras. No entanto, elas se distinguem conforme o sujeito falante procure esconder o seu saber (mentira), esteja ou não consciente do seu saber (denegação e má-fé), fazendo-se passar por aquilo que

não é (impostura)” (Charaudeau, 2022, p. 60). É sobremaneira importante descrever e explicar cada uma dessas figuras de negação, tendo em vista que elas são as responsáveis pela constituição de um discurso manipulador.

A **mentira** é uma enunciação voluntária que obedece a pelo menos cinco passos diferentes: 1) o orador que fala julga que o auditório não deve conhecer seu pensamento; 2) o orador diz algo diferente do que pensa ou sabe; 3) o orador sabe que o que ele diz é diferente ou ao contrário do que ele pensa; 4) o orador precisa dar sinais para que o auditório acredite que o que ele diz é idêntico ao que pensa; 5) e o orador precisa acreditar que o que ele pensa é verdadeiro, visto que para esconder a verdade, ele terá de conhecê-la. Com base nisso, entendemos que a mentira “é a negação do dizer do sujeito falante em seu ato de enunciação em face de seu interlocutor singular ou plural. A mentira também não é uma recusa de dizer, mas procede, por parte do sujeito falante, de uma vontade de mascarar o que ele pensa” (Charaudeau, 2022, p. 61), pois aquele que mente sabe distinguir o verdadeiro do falso.

A **denegação** é regida por alguns princípios que fazem com que o orador negue aquilo que pensa e assuma aquilo que diz. Apresentamos três aspectos: 1) o orador assume o que diz, o que considera ser verdadeiro; 2) o orador recusa, de forma inconsciente, o que sabe, pensa ou poderia saber, o que o transforma em um ato involuntário; 3) o orador precisa de um sujeito externo para, eventualmente, tomar consciência disso. Em resumo, a denegação “é um ato de enunciação pelo qual o sujeito locutor nega o que pensa, assumindo a veracidade do que diz, sem poder ou querer reconhecer, no fundo de si mesmo, o que ele nega, aquilo que o fere, difama ou que o faz sofrer” (Charaudeau, 2022, p. 65). O orador que denega só poderia tomar consciência de seu ato se alguém reagisse, ou seja, tratando-o como hipócrita ou se fizesse uma acusação, mostrando um pensamento antagônico ao que foi anunciado.

A **má-fé** é uma outra figura de negação regida pelo fato de o orador buscar esconder o seu pensamento, mesmo que este seja colocado em discussão por um adversário. A má-fé atende aos seguintes critérios: 1) o orador parece assumir que ele considera verdadeiro o que diz; 2) mas não ignora completamente o que sabe ou pensa; 3) ele simplesmente se cala, deixa de lado, não quer pensar nisso e quer acreditar no que diz; 4) é apenas outro sujeito que pode fazê-lo perceber que ele não pensa no que diz. “A má-fé é um ato de camuflagem do seu próprio pensamento, mas sempre se colocará a questão para o receptor – e talvez, também, para o próprio locutor – se ele acredita ou não no que diz” (Charaudeau, 2022, p. 69).

Para fins de um entendimento mais consistente, esse mesmo autor ora citado mostra que a má-fé é diferente da mentira e da denegação. A primeira foi conceituada como uma forma de enunciação

em que o orador está totalmente consciente de sua posição, de sua verdade, para esconder algo do auditório. No caso da má-fé, o orador mente para si mesmo, escondendo de si mesmo a sua verdade, pois lhe falta lucidez. No caso da denegação, o orador parecer ter uma venda nos olhos, pois não há consciência do ato de linguagem. Já na má-fé essa venda está furada e o orador planeja de forma consciente sua enunciação, mesmo sendo insustentável. O orador defende a todo custo uma ideia inversa e contra toda evidência (Charaudeau, 2022).

A **impostura** é formulada a partir de um jogo de lugares do orador, lançando ao seu auditório algo falso como se fosse verdadeiro. Assim, o orador projeta uma falsa imagem de si que é dada como verdadeira perante o auditório. A impostura, desse modo, mostra um jogo de usurpação de lugar que não existe na mentira, nem na denegação, nem na má-fé. “A impostura resulta, portanto, de um processo de substituição de instâncias de fala, um jogo de ser e parecer entre essas figuras de sujeitos, uma mistificação que engana os outros” (Charaudeau, 2022, p. 77). Aquele que é impostor busca preservar a sua própria face, deixando transparecer como se fosse alguém crível aos olhos do auditório. Para tanto, lança mão, também, de um trabalho de persuasão e de sedução dos outros, a fim de fazer com que o personagem que ele exhibe é uma pessoa autêntica e legítima. Por isso, o *ethos* é o fio condutor da impostura.

O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Partimos de uma análise retórica do discurso. Como lembra Ferreira (2022), o interesse da retórica é investigar como um discurso é proferido por um orador, a fim de provocar efeitos de sentido que ensinem, comovam ou agradem o auditório. “Nesse sentido, a retórica, então, é o meio de procurar, em qualquer situação, os recursos persuasivos disponíveis num contexto situado em que há um auditório presumido ou real” (Ferreira, 2022, p. 232). O analista retórico é um analista do discurso, capaz de desvelar os fios persuasivos presentes em diferentes atos de linguagem, levando sempre em consideração o contexto de produção, já que, como sabemos, nenhum discurso surge do nada. “A análise retórica do discurso é um exercício de desvendar a palavra pública em suas dimensões persuasivas e técnicas” (Ferreira, 2022, p. 247).

Nesse mesmo sentido, Mateus (2018) também aborda a questão da análise retórica. Para esse autor português, esse tipo de análise não consiste em uma simples interpretação de discursos. Ela se diferencia da análise do discurso, análise do conteúdo e da hermenêutica porque almeja interpretar os discursos a partir das estruturas argumentativas que suportam o processo geral de persuasão e convencimento. Desse modo, a análise retórica assim entendida explica como determinado texto ou

discurso consegue nos persuadir acerca da validade do seu ponto de vista. “Preocupa-se, assim, em identificar e investigar o modo como o orador comunica, e as estratégias por si empregues para conquistar a adesão do auditório, estabelecer as suas teses, justificá-las e persuadir a necessidade de aceitar aquilo que lhe é proposto” (Mateus, 2018, p. 191). Esse tipo de análise é o que fundamenta a nossa interpretação.

Quanto aos tipos de pesquisa, seguimos, neste trabalho, as diretrizes que são apresentadas por Paiva (2019). Segundo essa autora brasileira, a pesquisa científica pode ser classificada de acordo com a natureza, o gênero, as fontes de informação, a abordagem, o objetivo, os métodos e os instrumentos de coleta de dados. Acerca da natureza, seguimos uma pesquisa básica, que tem por objetivo principal aumentar o conhecimento científico, sem necessariamente aplicá-lo à resolução de um problema específico. Sobre o gênero, centramos nossa investigação em uma pesquisa teórica, tendo em vista que se propõe a estudar teorias, construir ou modificar uma teoria ou ainda contribuir com novos conceitos. No tocante às fontes de informação, focalizamos a pesquisa primária, já que se baseia em dados coletados pelo próprio pesquisador, que os seleciona e os interpreta ancorado na teoria escolhida.

No que concerne à abordagem, trilhamos uma pesquisa qualitativa, compreendendo, descrevendo e explicando um fenômeno em estudo. Acerca do objetivo, utilizamos as pesquisas descritiva e explicativa, haja vista que o nosso tipo de análise tem como base a interpretação de aspectos retórico-argumentativos em um discurso religioso neopentecostal. Quanto aos métodos e instrumentos de coleta, recorreremos ao método indutivo, a fim de estudar e entender como acontece o fenômeno investigado neste trabalho; para coletar os dados, foi necessário localizar, transcrever, identificar e interpretar as informações encontradas nesta pesquisa.

O nosso material de análise é constituído por três fragmentos de um documentário sobre a vida do pastor Marcelo Oliveira e sobre as origens da sua igreja. Seguindo o sistema retórico, selecionamos um fragmento do início (exórdio), outro da metade do vídeo (narração/confirmação) e o último da parte final (peroração). O documentário encontra-se publicado no canal oficial da ISJC no YouTube¹. A escolha desse material e não de outro se deu porque o orador lança mão de argumentações que estão formuladas no campo da manipulação, razão por que nos interessou mais de perto trabalhar com esse discurso que, de modo contumaz, tenta manipular. Além disso, é o único material que apresenta detalhes minuciosos da história do pastor e de sua igreja.

O documentário em tela intitula-se “Documentário Sou Cristocêntrico”. Foi publicado em 15 de abril de 2022, está com livre acesso no domínio público e qualquer pessoa pode ter contato. A

¹O documentário na íntegra está disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://youtu.be/BqUh1gNevUE?si=1ze0QG7WukeyWpie>. Acesso em 10 de janeiro de 2024.

seguir, em nossa análise, mostraremos como são dadas as tentativas de manipulação da verdade por parte de um dos principais líderes evangélicos do estado de Alagoas.

ANÁLISE RETÓRICO-ARGUMENTATIVA NO DISCURSO RELIGIOSO DA ISJC

Nesta seção, apresentamos, de acordo com os nossos postulados teóricos, três momentos retóricos nos quais analisamos o discurso religioso da ISJC. Observamos de que maneira a tríade retórica, bem como os dispositivos do discurso manipulatório com as figuras de negação estão presentes na argumentação do pastor Marcelo Oliveira.

Análise do momento retórico 1

Neste primeiro momento retórico, notamos de que maneira o orador se relacionou com práticas de religiões espíritas² e como ele as considera.

Eu me envolvi com feitiçaria, bruxaria, macumbaria, idolatria... então a minha vida ficou muito assim... oprimida...eu fiquei muito oprimido espiritualmente... e estava ali em busca da verdade... eu queria a verdade só que... quando não se conhece a verdade... não se tem familiaridade com a bíblia a gente fica acreditando em tudo... e é muito fácil de se enganar alguém que não tem um conhecimento de fato da bíblia... e eu sempre busquei poder... o poder de poder ajudar... e... eu achava que também que na feitiçaria... na macumbaria... essas coisas... eu encontraria algum poder para me ajudar e ajudar as pessoas... mas aí a minha vida se tornou um caos... eu era tomado por espíritos imundos... influenciado por eles...

Inicialmente, o orador revela, implicitamente, que se envolveu com uma religião espírita e isso lhe rendeu sérios problemas, a exemplo da opressão. “Eu me envolvi com feitiçaria, bruxaria, macumbaria, idolatria... então a minha vida ficou muito assim... oprimida...eu fiquei muito oprimido espiritualmente”. Nesse recorte, percebemos uma visada argumentativa lançada explicitamente ao auditório, a fim de mostrar que espíritos imundos são maus e atacam as pessoas. No tocante à construção da imagem de si, esse pastor evangélico engendra um *ethos* de vítima, pois diz que foi acometido por uma opressão impetrada por espíritos devido ao seu envolvimento com eles.

Ao mesmo tempo em que se apresenta com uma imagem de vítima, podemos pensar no despertar de paixões, uma vez que tal discurso poderá desencadear no auditório o medo desses

² Neste trabalho, todas as vezes que mencionamos o termo “espírita”, entendemos por isso todas as práticas religiosas que, de alguma maneira, estabelecem algum contato com espíritos desencarnados. Não se trata, a priori, de uma religião específica, tendo em vista que o orador não declara isso explicitamente em seu discurso.

espíritos, no sentido de também vir a sofrer alguma opressão demoníaca; poderá, também, sentir ódio de pessoas que praticam feitiços, macumba, idolatria, ou seja, rituais místicos encontrados, muitas vezes, em religiões de linha afrodescendente e em outras. Um discurso como este pode acarretar sérios problemas, como, por exemplo, perseguições e mortes de pessoas com práticas espíritas ou de outras vertentes religiosas.

O argumento utilizado pelo orador é o pragmático, haja vista que o envolvimento com feitiçaria ou macumbaria gera consequências, segundo o pastor, desfavoráveis, a exemplo da opressão espiritual. A argumentação em tela trilha um caminho de intolerância religiosa, no sentido de condenar as religiões ou práticas religiosas de vertente espiritualista.

O líder máximo da ISJC ressalta que a sua entrada na religião de base espírita se deu por conta da busca incessante pela verdade. Ele revela: “estava ali em busca da verdade... eu queria a verdade só que... quando não se conhece a verdade... não se tem familiaridade com a bíblia a gente fica acreditando em tudo...e é muito fácil de se enganar alguém que não tem um conhecimento de fato da bíblia...”. Nesse momento, identificamos que o orador, implicitamente, afirma que as práticas espíritas estão enraizadas em mentiras e que a verdade está apenas no conhecimento, na familiaridade com a Bíblia, portanto, no Cristianismo. Isso enfatiza, mais uma vez, o discurso vociferado desse pastor contra práticas não cristãs.

Nesse sentido, o orador formula um *ethos* de conselheiro, já que mostra ao seu auditório que não se pode buscar a verdade em ambientes de culto a espíritos, mas sim em lugares (igrejas) que consideram a Bíblia como sendo a Palavra de Deus. Com essa argumentação, o auditório poderá sentir confiança nas palavras do pastor, visto que, certamente, acredita na Bíblia e em tudo o que ela prescreve, compreendendo-a como se fosse a boca de Deus falando ao seu povo na terra, através de um hiperenunciador, neste caso, o Espírito Santo.

Ademais, o orador lança o argumento de autoridade, pois ressalta que a verdade é encontrada na Bíblia e não em lugares de culto a espíritos. A Bíblia, no universo religioso cristão, é considerada um livro sagrado, constituído por histórias, poesias, cartas, que revelam uma mensagem de Deus, um ser imortal, direcionada aos mortais, aos seres humanos.

Observamos que o orador segue fazendo um ataque contundente às religiões espíritas, ao passo que enaltece a sua religião de base cristã, despertando, assim, paixões inflamadas no auditório, a exemplo do ódio em desfavor de segmentos espíritas e seus praticantes. Em seguida, esse líder sacro pontua que sempre buscou poder a fim de ajudar outras pessoas. Podemos visualizar essa afirmação no seguinte momento: “e eu sempre busquei poder... o poder de poder ajudar... e... eu achava que também que na feitiçaria... na macumbaria... essas coisas... eu encontraria algum poder para me ajudar e ajudar

as pessoas... mas aí a minha vida se tornou um caos... eu era tomado por espíritos imundos... influenciado por eles...”.

Nesse fragmento, notamos a formulação de um *ethos* de solidário, pois o orador demonstra que a busca por poderes aconteceu porque ele tinha o objetivo de praticar a caridade, ou seja, ajudar as pessoas necessitadas. No entanto, segundo o orador, o poder encontrado em práticas espíritas promoveu um “caos” em sua vida. Novamente, ressurge o *ethos* de vítima, de alguém que foi acometido por algum infortúnio, neste caso, provocado pelos espíritos imundos. Esse pastor faz um jogo de imagens de si, mostrando para o seu auditório que suas intenções sempre foram boas, mas que estava buscando em “lugares errados”.

O argumento do vínculo causal é engatilhado nesse trecho da argumentação, visto que, segundo o orador, estar vinculado com a feitiçaria, a macumbaria, a idolatria, entre outras práticas místicas, desenvolve uma vida caótica, tomada e influenciada por espíritos maus. Esse argumento faz com que paixões possam ser suscitadas no auditório, a exemplo do medo, já que ninguém, em plena consciência, deseja ser atormentado por espíritos malignos; da compaixão, ao saber que seu pastor foi vítima de tais espíritos; da felicidade, ao saber que o pastor venceu; e do ódio, pois pessoas poderão atacar adeptos de religiões de vertente espírita.

Acerca do discurso enquanto manipulação, compreendemos que existem algumas figuras de negação nessa argumentação em tela. Em nosso entendimento, a mentira é projetada por esse orador, uma vez que existem milhares de pessoas que são espíritas e vivem uma vida feliz, sem nenhum tipo de opressão por parte de um espírito maligno. O orador sabe disso, mesmo assim atua de forma a endossar mais ainda uma intolerância religiosa que existe, no Brasil, em desfavor de religiões espíritas. Na mentira, o orador está consciente do seu saber, da sua verdade e ele procura esconder isso do auditório. É justamente o que faz o pastor Marcelo Oliveira, ao afirmar que o vínculo com práticas espíritas gera opressão maligna.

Também, nesse discurso do orador, identificamos a má-fé, haja vista que o chefe religioso em destaque esconde do seu auditório que existem religiões espíritas em que os participantes têm uma vida feliz, próspera. O orador se cala sobre isso, deixando em evidência para o seu auditório apenas que a relação com práticas espíritas gera perseguição maligna e uma vida completamente destruída. Agindo dessa forma, o pastor mente para si mesmo, no sentido de querer acreditar apenas naquilo que ele está anunciado ao auditório para comovê-lo.

A impostura é outra figura de negação presente no discurso em análise. Ela acontece porque o orador sacro se projeta como vítima dos espíritos malignos. Notamos uma encenação do pastor a fim de mostrar ao seu auditório que sofreu uma perseguição maligna ao fazer parte de religiões espíritas. A

mensagem é esta: vocês não podem participar dessas práticas, pois também sofrerão ataques desses espíritos imundos assim como eu sofri um dia. Como o *ethos* é o fiador da impostura, o orador se apresenta como alguém experiente, que vivenciou e que sofreu influências dos maus espíritos. Cria-se, desse modo, um jogo de persuasão e de sedução para que o auditório acredite realmente no que é dito por esse orador que, como vemos, corrobora a intolerância religiosa e endossa, mais ainda, o preconceito religioso.

Portanto, nesse trecho destacado, visualizamos a utilização de imagens de si, de paixões, de argumentos racionais e de figuras de negação que, inter-relacionados, fundamentam a arquitetura argumentativa do orador em destaque. Se apresentar como vítima e, depois, como vencedor do mal pode fazer com que o auditório veja, nesse pastor, a figura de um senhor da guerra espiritual, capaz de vencer as lutas contra as forças malignas. Lançar argumentos racionais como de autoridade contribui para a visada argumentativa de base racional, mostrando ao auditório algo sólido, que está fundamentado em um discurso da razão.

Comover os ânimos por meio de paixões como confiança, medo e ódio faz com que o auditório experimente sensações que podem determinar diferentes tomadas de posição. Efeitos passionais são excitados, mas os efeitos efetivos não são acessíveis e não há como controlá-los e nem como medir sua dimensão ao impactar o auditório visado. As figuras de negação mostram, de forma consistente, como o discurso manipula a verdade e comunica uma pós-verdade que é alicerçada no engodo. É preciso, desse modo, desvelar de que modo o discurso é organizado retoricamente para fazer saber, fazer sentir, fazer crer e fazer agir.

Análise do momento retórico 2

Neste segundo momento retórico, identificamos que o orador descreve para o seu auditório algumas características do tipo de ministério que realiza na ISJC.

Meu ministério sempre foi marcado por momentos muito bons, especiais por muitas curas, libertações e conversões. Eu já batizei muita gente, através de mim o Senhor Jesus já operou milagres extraordinários, até muitas curas e libertação. O meu ministério, o meu sacerdócio ele tem essa marca. As pessoas vêm, ouvem a minha pregação, vem e são curadas, são libertas de perturbações, de opressões espirituais essas opressões muita das vezes confundidas com depressões, enfim todas as pessoas que chegam à nossa igreja são transformadas de algum modo todas são abençoadas.

Observamos que o pastor revela alguns aspectos que são fundamentais no neopentecostalismo, a exemplo da cura ou milagre e da libertação. Comumente, notamos que esses dois aspectos, aliado a

um terceiro, à teologia da prosperidade, constituem o cerne do referido movimento religioso cristão. Logo em seguida, o líder evangélico elenca os feitos que ele tem realizado durante seu sacerdócio na ISJC: “Eu já batizei muita gente, através de mim o Senhor Jesus já operou milagres extraordinários, até muitas curas e libertação”.

Com um discurso apresentado dessa forma, entendemos que o orador faz surgir um *ethos* de profeta de Deus, já que é capaz de realizar curas, milagres, libertação. O orador, diante de seu auditório, se projeta como alguém que realmente conhece e participa dos mistérios divinos da religião cristã, razão por que, também, visualizamos um *ethos* de experiente, de alguém que já batizou muita gente e que há muito tempo atua como sacerdote evangélico.

Além disso, encaixa, nesse discurso, o argumento quase-lógico da transitividade, ao enunciar que Deus o tem usado para ser um instrumento de cura e libertação. O poder divino é passado para o pastor e esse pastor passa para as pessoas que lhe procuram na ISJC. Existe, desse modo, um tipo de transição, neste caso, de poder espiritual que emana cura. O chefe religioso lança essa visada argumentativa em busca de conseguir manter a persuasão já conquistada em outro momento, mas também com o objetivo de arrebatrar novos fiéis para sua instituição religiosa neopentecostal que, como já dissemos, cresce robustamente.

Compreendemos que a paixão da confiança é insuflada nesse momento argumentativo, uma vez que o orador proclama ao seu auditório as conquistas que têm angariado através de pregações. Isso pode despertar, também, a paixão da felicidade, pois o auditório está diante de um pastor evangélico que tem, ao longo dos anos, obtido êxito em seu ministério sacerdotal à frente da ISJC. Comover os ânimos do auditório é uma das principais armas retóricas que estão ao dispor do orador para influenciar as crenças e as ações daqueles que se quer persuadir.

Mais à frente, o líder religioso argumenta: “O meu ministério, o meu sacerdócio ele tem essa marca”. Na verdade, essa marca de cura, libertação, milagres, exorcismos, entre outros aspectos, não vem da ISJC, tampouco do pastor Marcelo Oliveira. Esses traços vêm dos Estados Unidos, sobretudo, do movimento chamado pentecostalismo autônomo ou simplesmente neopentecostalismo. É um ramo dissidente do protestantismo, mas que incorporou características próprias, fazendo com que se distanciasse dos reformadores. Um auditório mais desavisado poderá acreditar que, realmente, esses aspectos são exclusivos da ISJC.

Por isso, identificamos, neste trecho destacado, a figura de negação da mentira. O pastor sabe que tais elementos não são marcas do seu ministério, antes, na verdade, ele incorporou esses critérios advindos do movimento neopentecostal. Assim, comunica uma mentira ao seu auditório, mesmo sabendo que em outras igrejas neopentecostais, a exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja

Mundial do Poder de Deus e Igreja Internacional da Graça de Deus existem essas mesmas marcas que foram mencionadas. Em resumo, o movimento neopentecostal é um só: tem milagres, exorcismos e a famigerada prosperidade.

Ademais, o orador postula que “As pessoas vêm, ouvem a minha pregação, vem e são curadas, são libertas de perturbações, de opressões espirituais”. Aqui identificamos que o pastor se utiliza, mais uma vez, do *ethos* de profeta de Deus, com a imagem de um homem escolhido por uma divindade para ministrar a cura na vida das pessoas. Para que a cura ou a libertação aconteça, as pessoas precisam sair de casa, irem até a igreja, ouvirem a pregação e, só depois disso, é que são curadas. O argumento pragmático é engatilhado nessa argumentação, pois o ato de ir pode gerar uma consequência favorável ao auditório: ser curado, ser liberto.

O auditório é impactado passionalmente, tendo em vista que a cura só irá acontecer se as pessoas se deslocarem até o templo da ISJC para ouvirem a pregação do pastor. Todavia, é preciso despertar, nesse mesmo auditório, a paixão da confiança. Sem ela, certamente o auditório não atenderá ao chamado do pastor. O orador faz um uso bem enfático do discurso passional, buscando atingir o terreno emocional de um auditório que pode estar aberto a sentir determinadas paixões, as quais têm a capacidade de angariar a adesão pretendida pelo orador.

O pregador sacro advoga que as opressões que as pessoas sofrem estão relacionadas à atuação de espíritos malignos. Ele afirma: “essas opressões muita das vezes confundidas com depressões, enfim todas as pessoas que chegam à nossa igreja são transformadas de algum modo todas são abençoadas”. Nesse trecho destacado, a manipulação da verdade encontra guarida. O orador afirma que a depressão é, na verdade, uma opressão maligna. Assim sendo, podemos entender que todas as pessoas depressivas estão possuídas por algum tipo de demônio. Logo, se essas pessoas passarem por uma sessão de exorcismos, elas ficarão curadas da depressão.

Esse pastor mente para o seu auditório, haja vista que ele próprio sabe que a depressão, na verdade, se trata de uma doença e não de uma possessão demoníaca. Além da mentira, a má-fé é outra figura de negação que está presente nessa argumentação falaciosa, uma vez que o orador deixa de dizer ao seu auditório que existem estudos na medicina que comprovam ser a depressão um tipo específico de doença. Ele esconde essa informação a fim de que o auditório acredite apenas que se trata de atuação de espíritos malignos e, por isso, as pessoas precisam procurar a ISJC, bem como o seu pastor para que a libertação do mal seja realizada.

Entendemos que a impostura também é outra figura de negação que foi evocada nesse discurso enganador do pastor evangélico. O orador se utiliza de seu lugar de prestígio e de seu *ethos* de profeta de Deus para anular o conhecimento científico e enaltecer o conhecimento formulado no saber de

crença. Assim, o pastor atua de modo a confundir o auditório, transmitindo uma ideia mentirosa como se fosse uma verdade incontestável.

Nesse segundo momento de análise, identificamos que o orador se reveste de seu *ethos* de profeta de Deus para agir sobre o seu auditório, promovendo credibilidade. Além do mais, apresenta argumentos racionais a fim de comprovar a sua argumentação. No campo passional, busca despertar paixões que podem, de algum modo, comover o auditório para que acredite na argumentação que lhe é apresentada ao assentimento. Acerca da manipulação da verdade, a mentira, a má-fé e a impostura são apregoadas nesse discurso, haja vista a argumentação falaciosa utilizada pelo orador como forma de “alimentar” o seu auditório.

Análise do momento retórico 3

Neste terceiro momento retórico, o pastor Marcelo Oliveira enaltece a sua igreja, a obra que realiza, a si próprio e as pessoas que ele lidera.

A Igreja Santa de Jesus Cristo como eu a enxergo? Como uma obra autêntica de Deus. Uma obra feita com muita verdade, com muita sinceridade. Não sou perfeito, as pessoas que fazem essa obra comigo não são perfeitas. Eu posso dizer eu sou sim sincero com a obra de Deus, eu sou honesto, eu faço a obra de Deus por convicção. Acredito no que faço, acredito no que sou. E se eu não acreditasse, eu não subiria o altar por dinheiro nenhum, pois não faço nada por dinheiro, faço por convicção, faço por missão. Por acreditar no que faço e eu sei e acredito nisso eu sou um sacerdote legítimo, eu tenho sacerdócio, eu tenho um ministério que Deus me deu, acredito 100% nisso e desafio Satanás, ele e o inferno todo provar o contrário. É assim que é a minha confiança.

No exórdio desse momento retórico, podemos reconhecer que o orador, por meio do argumento quase-lógico da definição, conceitua a sua igreja como “uma obra autêntica de Deus”. E complementa: “Uma obra feita com muita verdade, com muita sinceridade. Não sou perfeito, as pessoas que fazem essa obra comigo não são perfeitas”. Neste recorte, o pastor evangélico projeta um *ethos* de sinceridade, uma vez que advoga a ideia de que nem ele, nem os membros que o ajudam são “pessoas perfeitas”. Essa imagem de si que é construída discursivamente transmite para o auditório que o orador é alguém que reconhece suas limitações, mas que segue fazendo uma “obra com muita verdade, com muita sinceridade”.

Entendemos que uma argumentação posta desse modo tem o poder de despertar paixões no auditório, sobretudo, neste caso, as paixões da confiança e a da amizade. Da confiança porque é necessário que o auditório tome por verdade e acredite nessa asserção apresentada pelo orador; de

amizade porque o orador demonstra que não faz a obra sozinho, ao contrário, existem pessoas que contribuem para que seja realizada “uma obra autêntica de Deus”. Um sentido possível nesse campo passional é que o pastor trabalha em sintonia com as suas ovelhas. Estas, de algum modo, obedecem e seguem os ideários que lhes são apresentados pelo pastor.

Observamos, pelo menos neste fragmento, que a posição do pastor não é exclusivista, mas sim inclusiva, já que existem pessoas que contribuem com o seu ministério na ISJC. Adiante, o orador endossa ainda mais a imagem de si, ao formular: “Eu posso dizer eu sou sim sincero com a obra de Deus, eu sou honesto, eu faço a obra de Deus por convicção. Acredito no que faço, acredito no que sou”. Notamos aqui um *ethos* de guia-pastor, ou seja, aquele que busca guiar o seu povo, iluminando os seus caminhos, mas, sobretudo, orientando pensamentos e ações. Por meio de adjetivações (sincero, honesto), o orador projeta para o seu auditório as possíveis qualidades que possui. As repetições excessivas da primeira pessoa do singular servem como gatilho para enfatizar o modo como argumenta o orador, lançando sobre o seu auditório esse *ethos* de “homem de Deus”, capaz de conduzir o seu povo da ISJC.

Em seguida, percebemos que o orador se utiliza do discurso de justificação para refutar prováveis antagonismos. “E se eu não acreditasse, eu não subiria o altar por dinheiro nenhum, pois não faço nada por dinheiro, faço por convicção, faço por missão”. A fim de resguardar o seu *ethos*, o orador antecipa sua justificação para inocentar suas práticas. Alguém poderia argumentar: “mas tudo o que o senhor faz é por dinheiro”. De forma estratégica, o orador produz um discurso que, como vemos, parece blindar o seu *ethos*. O auditório poderá enxergar um orador que não tem nenhum interesse econômico, um homem honesto, sincero, que tudo o que faz na ISJC é com o objetivo de fazer avançar a missão que Deus lhe confiou.

O argumento do sacrifício está manifestado nessa argumentação, visto que o pastor anuncia uma asserção que demonstra que ele se doa para a missão evangelística de sua igreja. Assim sendo, os esforços do pastor para manter e fazer crescer a ISJC são apresentados implicitamente nesse discurso. O orador ainda acrescenta: “Por acreditar no que faço e eu sei e acredito nisso eu sou um sacerdote legítimo, eu tenho sacerdócio, eu tenho um ministério que Deus me deu, acredito 100% nisso”. Além do argumento do sacrifício, identificamos a presença do argumento de autoridade, pois foi Deus quem lhe deu um sacerdócio, conforme o orador. A chancela dessa asserção recai sobre um nome que pertence a uma voz autorizada, a uma fonte de origem divina como é explicado em um dos aspectos do carismático.

Através de um *ethos* de profeta de Deus, constituído por ser um sacerdote e possuir um ministério, além do dom de curar as pessoas, o orador enfatiza de forma contundente a posição de

superioridade que ocupa dentro da ISJC. Ele é o sacerdote, o pastor, o líder e os membros, bem como os pastores sob sua supervisão são seus seguidores. Existe, aqui, uma relação assimétrica de cima para baixo, na qual mostra, claramente, o lugar de prestígio que esse pastor ocupa em sua instituição religiosa. Com base nisso, podemos pensar, também, no *ethos* de chefe, manifestado na figura do comandante com características agressivas, belicosas.

Esses traços mais autoritários são perceptíveis em vários sermões desse pastor. Neste trecho do documentário que vimos analisando, temos o seguinte momento: “desafio Satanás, ele e o inferno todo provar o contrário. É assim que é a minha confiança”. Constatamos que o orador insufla o seu *ethos* de chefe, como alguém que é capaz de guerrear contra o mal e vencê-lo. O auditório poderá ser acometido pela paixão da confiança, acreditando que possui um líder com poderes sobrenaturais. É um discurso que trilha, com maior ênfase, uma seara passional.

Na esfera do discurso manipulatório, compreendemos que o recorte analisado apresenta a figura de negação da mentira. Isso porque o orador afirma que não faz nada por dinheiro, demonstrando que trabalha apenas por convicção e missão. O pastor sabe que não é assim, pois sua instituição é de linha neopentecostal e a teologia da prosperidade é, por excelência, um dos pontos elementares dessa corrente religiosa evangélica. E os dízimos, as ofertas, as campanhas, os votos? Entendemos que a má-fé também é outra figura de negação que se sobressai nessa argumentação destacada. O orador deixa de lado o que ele sabe e apresenta uma informação totalmente sem aderência com a realidade dos fatos encontrados na ISJC. A impostura também encontra guarida, pois afirmar que não faz nada por dinheiro é uma forma de mascar um *ethos* mercantilista que comumente se reconhece em igrejas neopentecostais do Brasil. A denegação aparece nesse momento retórico, visto que o orador busca se autojustificar, criando, desse modo, um ato de defesa inconsciente. Ele recusa o que sabe ou poderia saber.

Finalmente, neste terceiro gesto de análise, identificamos como o orador atua de modo a lançar visadas argumentativas ante o seu auditório. Revestindo-se de um *ethos* de profeta de Deus, de sinceridade, de guia-pastor, de chefe, o orador busca fortalecer sua credibilidade diante de seu povo e de outras pessoas que tiverem contato com esse discurso. Também vimos a utilização de um discurso passional, visando suscitar paixões retóricas que atestem o *ethos* positivo do orador. Argumentos racionais foram postos no discurso a fim de comprovar as asserções proferidas pelo orador sacro. E as figuras de negação apareceram como forma de desvelar as nuances de um discurso que gira em torno da manipulação da verdade.

Servindo-se dos postulados teóricos e metodológicos dos estudos retórico-argumentativos da linguagem, foi possível analisar algumas estratégias persuasivas presentes no discurso religioso neopentecostal da ISJC, enfatizando seu líder máximo como porta-voz dessa instituição. Identificamos que a formulação do *ethos* que é apresentada ao auditório trilha um caminho que enaltece o pastor Marcelo Oliveira como profeta de Deus, guia-pastor, conselheiro, ou seja, alguém que tem o poder de despertar credibilidade.

No campo do *pathos*, observamos que algumas paixões retóricas são despertadas pelo orador, a exemplo da confiança, da amizade, mas também do ódio, em desfavor de pessoas que aderem à linha espírita. Trata-se de um discurso que remete a outros discursos de natureza totalitária, pois considera outras formas de religião como sendo demoníacas e isso pode fazer com que essa diversidade religiosa seja perseguida e atacada de distintas formas. O discurso do líder máximo da ISJC é inflamado e pode desencadear sérios problemas.

Acerca do *logos*, constatamos argumentos de autoridade, pragmático, definição, vínculo causal, sacrifício, entre outros, como forma de mostrar uma racionalização do discurso que é apresentado ao auditório. Todavia, notamos que existe uma predominância de um discurso que é mais passional e que busca comover os ânimos do auditório, impactando o terreno das emoções. Marcelo Oliveira possui um lugar de prestígio, um tipo de chamado pastoral e se utiliza desse lugar para agir discursivamente diante de seu auditório evangélico.

No tocante à manipulação da verdade, todas as figuras de negação (mentira, má-fé, denegação e impostura) aparecem no material analisado. Por isso, assumimos que, nos trechos selecionados, o pastor Marcelo Oliveira apregoa um discurso falacioso, fundamentado, sobretudo, nas figuras da mentira e da má-fé, pois ambas aparecem de forma mais recorrente.

Acreditamos que conseguimos responder às perguntas do início deste trabalho. Todavia, há muito ainda a ser pesquisado. Esta investigação nos direciona para um olhar mais reflexivo sobre o poder do discurso religioso que é praticado em igrejas evangélicas brasileiras, sobremaneira, de linha neopentecostal como é o nosso caso de estudo. Com as redes sociais, esses discursos ganharam força e estão a um clique de um auditório multifacetado. É preciso, a nosso ver, rastrear esses novos formatos de tecnotexto e tecnodiscurso. É uma missão que pretendemos desenvolver futuramente, ingressando em outros estudos nessa seara do discurso religioso contemporâneo.

Gostaríamos de concluir as nossas discussões com a seguinte citação que, em nosso entendimento, encapsula aquilo que defendemos neste artigo: “Manipular pessoas envolve manipular

suas mentes, ou seja, as crenças das pessoas, tais como seus conhecimentos, suas opiniões e suas ideologias, os quais por sua vez controlam suas ações” (Dijk, 2023, p. 240).

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. (2020). *A argumentação no discurso*. Tradução de Angela M. S. Corrêa *et al.* São Paulo: Contexto.
- ARISTÓTELES. (2011). *Retórica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro.
- CHARAUDEAU, P. (2020). *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto.
- CHARAUDEAU, P. (2022). *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sobras da pós-verdade*. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha; André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto.
- DIJK, T. A. v. (2023). *Discurso e poder*. 2. ed. São Paulo: Contexto.
- FERREIRA, L. A. (2015). *Leitura e persuasão: princípios de análise Retórica*. São Paulo: Contexto.
- FERREIRA, L. A. (2022). Princípios de análise retórica do discurso: a quaestio. In: AZEVEDO, I. C. M.; DAMASCENO-MORAIS, R. (Orgs.) (2022). *Introdução à análise da argumentação*. Campinas/SP: Pontes Editores.
- MATEUS, S. (2018). *Introdução à retórica no séc. XXI*. Covilhã: Editora LabCom.IFP.
- PAIVA, V. L. M. O. (2019). *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola.
- PEÑA-ALFARO, A. A. (2005). *Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neopentecostal*. 2005. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7707>
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. (2014). *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.
- ROCHA, M; MOURA, J. B; MELO, D. W; MORAIS, E. P. (2023). A argumentação em orações religiosas cristãs encenadas por líderes evangélicos neopentecostais do Brasil. *Revista Rhêtorikê*. (9): 57-76. <https://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/rhetorike/article/view/1292>